



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

**“Olhares” sobre a mediatização: entre o teórico e o empírico,
o micro e o macro, o local e o global¹**

**“Looks” on Mediatization: Between the Theoretical and the
Empirical, the Micro and the Macro, the Local and the Global**

Moisés Sbardelotto²

Palavras-chave: mediatização; observação; complexidade; processos empírico-metodológicos.

Hoje, cada vez mais, vivemos a transformação e a passagem de uma “era dos meios de massa” para a “era da massa de meios”, em que se explicita a “possibilidade de qualquer pessoa se transformar em mídia, capaz de falar para milhares de outras pessoas” (ALVES, 2013, s/p). As práticas comunicacionais contemporâneas apontam justamente para uma travessia de um “deserto”, com seus cactus, arbustos secos e poucos animais, como metáfora do ambiente midiático da era industrial, rumo a uma “floresta amazônica”, uma selva úmida, com uma enorme biodiversidade, “onde qualquer ser minúsculo tem chance de sobreviver”, como metáfora do ambiente que se está formando depois do “dilúvio digital” (ibid., s/p). Vivemos atualmente, portanto, em uma “nova ambiência” sociocomunicacional (GOMES, 2008), em que são inúmeros os agentes sociais que manifestam comunicacionalmente as suas competências sobre diversos âmbitos do social, para além da ação das corporações midiáticas.

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na linha de pesquisa Mediatização e Processos Sociais, com estágio doutoral na Università di Roma "La Sapienza", Itália. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). msbardelotto@yahoo.com.br



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Trata-se de um fenômeno de *mediatização* das sociedades contemporâneas, conceito que emerge como “um princípio, um modelo e uma atividade de operação de *inteligibilidade social*. Noutras palavras, a mediatização é a *chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade*” (GOMES, 2008, p. 21, grifo nosso), por revelar a natureza comunicativa e comunicacional das culturas e das sociedades. E o “conteúdo” do fenômeno da mediatização são os processos midiáticos, cada vez mais abrangentes, cada vez mais acelerados, cada vez mais diversificados (cf. *ibid.*, 2010). Tal conceito possibilita, assim, “uma compreensão mais abrangente do que está acontecendo hoje na sociedade”, centrada na “comunicação em si” (FAXINA; GOMES, 2016, p. 17-18).

Grosso modo, portanto, existem dois primeiros “olhares” sobre a mediatização: como fenômeno comunicacional contemporâneo e como conceito teórico-metodológico. Em relação ao primeiro aspecto, Mata (1999), em um dos estudos pioneiros sobre tal processo, já apontava para a emergência de “cultura articulada em torno a meios e tecnologias”, que define “uma nova matriz para a produção simbólica dotada de um estatuto próprio e complexo” (p.82, trad. nossa). É a partir da evolução tecnológica e da emergência de novas tecnologias, articuladas com condições e modalidades sociais de produção e de recepção, que “a comunicação midiática gera um processo de mediatização das sociedades industriais” (VERÓN, 1997, p.14, trad. nossa).

A mediatização, nesse sentido, não é um fenômeno novo, mas um fundamento da própria comunicação humana. “Sem mediatização não haveria sociedades humanas”, porque são os fenômenos midiáticos que tornam possível a “intervenção da temporalidade sob a forma de um *passado* e de um *futuro*” (VERÓN, 2013, p. 299, trad. nossa). Retomar essa longa trajetória, essa “perspectiva de longo prazo da mediatização” (VERÓN, 2014), nos permite evitar pensá-la como uma mutação inexistente e impensável em épocas anteriores ou como uma ruptura a-histórica nos processos sociais, assumindo, ao contrário, uma perspectiva social, histórica, evolutiva, que dá



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

“ênfase às continuidades, complementações e mestiçagens, e não às rupturas e mutações radicais” (MIÈGE, 2009, p. 82).

Se a midiatização pode ser entendida como um processo cultural historicamente emergente, contudo, é preciso salientar que, do ponto de vista observacional, é a experiência social contemporânea que possibilita a emergência da midiatização como objeto de reflexão comunicacional. Isso se dá graças a pontos de saturação e bifurcações na escala espaço-temporal, em termos de velocidade e alcance dos processos comunicacionais. Nesse processo, a curva histórica de evolução da midiatização sofre deslocamentos significativos, especialmente “nos últimos anos do século XX, em sociedades modernas e altamente industrializadas” (HJARVARD, 2013, p. 18, trad. nossa).

Assim, ao mesmo tempo em que é possível perceber uma continuidade dos processos midiáticos ao longo da história, também é preciso reconhecer a sua transformação e mudança a partir do século XX, em aceleração cada vez maior por parte dos avanços tecnológicos e da industrialização recente. Não se trata de um desenvolvimento gradual e linear, mas de uma evolução em processos de mudança históricos heterogêneos e irreversíveis, não tanto mediante uma “seleção natural”, mas sim por meio de uma *seleção social* em relação a aspectos caracterizadores da comunicação.

Hoje, de modo especial, deparamo-nos com um “salto” histórico. Verón (2012) aponta para isso ao abordar a “*mutação* nas condições de acesso dos atores individuais na discursividade midiática, produzindo *transformações inéditas* nas condições de circulação” (p. 14, trad. e grifos nossos). Isso demanda a revisão, de um lado, da ideia de que o “comunicacional” está só no âmbito das corporações midiáticas empresariais e, de outro, de que as práticas sociais se resumem a ações de “audiências”, “usuários”, “consumo”. As inovações tecnológicas e seus usos comunicacionais fazem com que as lógicas midiáticas perpassem, cada vez mais, as processualidades internas de manifestação e existência das sociedades contemporâneas.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Portanto, a questão comunicacional passa a surgir com mais ênfase quando os processos sociais se midiaticizam a partir da conjugação de um *processo tecnológico* (inovações que possibilitam ações comunicativas midiaticizadas em larga escala) e de um *processo social* (práticas comunicacionais experimentais da sociedade). Ou seja, a sociedade passa a operar mediante “processos midiaticizados” (BRAGA, 2012, p. 33), que explicitam com mais evidência as “mediações comunicativas da cultura” (BARBERO apud BRAGA, 2012, p. 34).

Por isso, Braga (2006, p. 2) defende a midiaticização como “processo interacional em marcha acelerada para se tornar o processo ‘de referência’”, ou seja, um processo que “‘dá o tom’ aos processos subsumidos”, uma espécie de “organizador principal da sociedade”. Em publicação mais recente, o autor indica que “a midiaticização se põe hoje como principal mediação de todos os processos sociais” (BRAGA, 2012, p.51). Gomes (2006, p. 113) vai além e afirma que vivemos uma “mudança epocal, com a criação de um *bios* midiático que incide profundamente no tecido social”. Esse *bios* refere-se, justamente, a “um novo modo de ser no mundo representado pela midiaticização da sociedade” (ibid.). Como afirma Fausto Neto (2005, p. 3), “nada existiria fora, portanto, dessa nova conformidade [da midiaticização], como possibilidade geradora de sentidos”.

Revela-se central, portanto, perceber “de *forma global* os processos de midiaticização” (VERÓN, 1997, p. 15, grifo nosso). Pois se trata de um fenômeno que transcende e ultrapassa o campo midiático-tecnológico, inserindo-se em processualidades cujas dinâmicas ocorrem “a partir de suas próprias lógicas, operações ‘saberes’ e estratégias *na direção de outros campos sociais*” (FAUSTO NETO, 2005 p.10, grifo nosso). Segundo Verón (2002, p.13, trad. nossa), “quanto mais uma sociedade se midiaticiza, tanto mais ela se complexifica”.

Nesse sentido, não há “*uma única forma estruturante* que explique a totalidade de seu funcionamento. A midiaticização opera por meio de *diversos mecanismos* de acordo com os setores da prática social que interesse e produza, em cada setor, consequências diversas (VERÓN apud MATA, 1999, p.83, trad. e grifo nossos). Assim,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

a tentativa de compreensão da mediação demanda *olhares diversos* sobre as dinâmicas e os sentidos do atual fenômeno comunicacional. O desafio da pesquisa, portanto, está lançado: diante de um cenário comunicacional complexo como o contemporâneo, é necessário *complexificar o olhar* sobre tais fenômenos.

E aqui entramos no segundo aspecto, a reflexão sobre mediação como conceito teórico-metodológico. Como afirma Mata (1999), o conceito de mediação permite “prover um novo princípio de compreensão acerca dos fenômenos de produção coletiva de significados nas sociedades atuais” (p.81). Contudo, segundo Fausto Neto (2005, p.1), trata-se de “um conceito em formação [que] é ainda pouco problematizado”. Percebe-se que a mediação não se apresenta como um conceito unívoco e consensual entre os autores, pois traz múltiplas vozes em seu interior. Isso não significa que se trate de um conceito equívoco ou polissêmico, mas sim de um conceito “plurívoco” e “polissêmico”, isto é, “um conceito que admite várias significações, que tem muitos sentidos e acepções, e não um conceito que tem vários significados” (FAXINA; GOMES, 2016, p. 183). Com isso, surgem também “*diversas maneiras de descrever o que é esse fenômeno*, cada qual apresentando uma cosmovisão diferente e até divergente diante dos meios de comunicação” (id., grifo nosso).

Sinal disso são as diversas linhagens de pesquisa ou “escolas” que trabalham com tal concepção: a partir do Norte do mundo, principalmente, a da Dinamarca (em que se destacam os trabalhos de Stig Hjarvard), a da França (com destaque para Bernard Miège, dentre outros), a da Alemanha (com destaque para Andreas Hepp, dentre outros), a da Inglaterra (com destaque para Nick Couldry, dentre outros). A partir do Sul do mundo, a da Argentina (com destaque para Eliseo Verón, dentre outros) e a do Brasil, no qual, dentre outras, ganha proeminência a de São Leopoldo, a partir das pesquisas realizadas pela linha de pesquisa *Mediação e Processos Sociais*, do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos (RS), que já constituem uma verdadeira “tradição” acadêmica (BRAGA, 2016).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Existem, portanto, “múltiplos conceitos atribuídos à mediação” (FAXINA; GOMES, 2016, p. 183). Gomes (2016) – que compõe aquela que podemos chamar de “escola de São Leopoldo” nos estudos sobre mediação –, em sua pesquisa, busca precisamente identificar os conceitos transversais que permitem uma abordagem sistêmica dos meios tecnológicos de comunicação, ultrapassando a sua singularidade e atingindo a complexidade de uma sociedade em vias de mediação. É um debate em andamento, de extrema relevância. Somados e solidários com essa perspectiva, cremos que há ainda outra questão relacionada em jogo: a partir dessas diversas conceituações sobre mediação, como ela está sendo *observada empiricamente* pelas pesquisas em desenvolvimento? Quais pontos de vista empírico-metodológicos estão sendo acionados? Isto é, que olhares estão sendo lançados sobre esse fenômeno?

Essas são algumas perguntas que mobilizam este artigo.

Referências bibliográficas

ALVES, Rosental C. “Passamos dos meios de massa para a massa de meios”. **Valor Econômico**, São Paulo, 31 jul. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/Mtajae>>.

BRAGA, José L. **Sobre “mediação” como processo interacional de referência**. 15º Encontro anual da COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 06 a 09 de junho de 2006.

_____. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (orgs.). **Mediação e Mediação**. Salvador: EDUFBA, 2012a, p. 31-52.

_____. Prefácio. In: FAXINA, E.; GOMES, P. G. **Mediação**: um novo modo de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 5-16.

FAUSTO NETO, Antonio. Mediação, Prática Social – Prática de Sentido. In: **Anais do Seminário sobre Mediação**, São Leopoldo, 2005.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Mediação**: um novo modo de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

GOMES, Pedro G. O processo de mediatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade: a relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.). **Mediatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008, p.17-30.

_____. **Da Igreja Eletrônica à Sociedade em Mediatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **Mediatização, Sociedade e Sentido: conceitos transversais**. Projeto de pesquisa submetido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). São Leopoldo, 2016.

HJARVARD, Stig. **The Mediatization of Culture and Society**. New York: Routledge, 2013.

MATA, Maria C. De la cultura masiva a la cultura mediatica. **Dialogos de la Comunicación**, Lima, n. 56, out. 1999, p. 80-91.

MIÈGE, Bernard. **A sociedade tecida pela comunicação**: Técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social. São Paulo: Paulus, 2009.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 48, 1997, p. 9-17.

_____. Conversación sobre el futuro. In: **Espacios mentales: efectos de agenda 2**. Barcelona: Gedisa, 2002.

_____. Prólogo: La mediatización, ayer y hoy. CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (orgs). **Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación**. Buenos Aires: La Crujía, 2012.

_____. **La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

_____. Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, São Paulo, nº 1, jan./jun. 2014, p. 13-19. Disponível em: <<http://goo.gl/OauFDM>>.